

AGOSTINHO DA SILVA – esboço de uma cronologia

Constança Marcondes Cesar
Instituto de Filosofia-PUCCAMP

Nasceu em 1906 no Porto, aos 13 de fevereiro. Em 1931 doutorou-se em Filologia Clássica, na Faculdade de Letras do Porto, onde teve por mestres pensadores exponenciais como Teixeira Rego, Hernani Cidade, Damião Peres e por colegas, alguns dos mais brilhantes autores portugueses contemporâneos: Salgado Jr., José Marinho, Sant'Ana Dionísio, Delfim Santos, entre outros.

Fez estágios e cursos na Escola Normal Superior, na Sorbonne, no Colégio de França e no Instituto de Estudos Históricos de Madri; foi bolsista da Junta Nacional de Educação de Portugal e da Junta de Relações Culturais, da Espanha.

Demitido do ensino do segundo grau, em Portugal, em virtude de sua oposição a Salazar, participou do grupo **Seara Nova**, com Jaime Cortesão, Rodrigues Lepa, Antonio Sérgio, Sant'Ana Dionísio, Raul Brandão, Raul Proença.

Em 1944, publica **Conversações com Diotima** e edita, sob os pseudônimos de Manuel Rodrigues de Oliveira, Bento de Jesus Caraça e Eduardo Salgueiro, os **Cadernos Culturais, Inquérito** e a "Biblioteca Cosmos", da Editora Cosmos.

O uso de pseudônimos tornar-se-á uma constante na obra ulterior de Agostinho da Silva. Como Fernando Pessoa, seu inspirador, terá inúmeros heterônimos, como em **Folhas soltas de São Bento**, publicado em 1965 e ao qual voltaremos a nos referir mais detalhadamente.

Ainda em 1944, viajou pela América do Sul, visitando a Argentina, Uruguai e Brasil. Neste último país esteve ligado à fundação de universidades e centros de estudo, altamente significativos, no Rio, Minas, Paraíba, Santa Catarina, São Paulo, Brasília.

Em 1945, publica **Sete Cartas a um Jovem Filósofo** e a presença de Rilke ressoa nos seus escritos; mais tarde, traduzirá **A Canção do Amor e da Morte do Alferes Cristovão Rilke**, e a comovida atenção ao mundo, a aguçada sensibilidade, que aparecem nos seus contos e novelas, testemunham os sentimentos apurados através do poeta das **Elegias de Duíno**.

Em 1947, torna-se amigo de Vicente Ferreira da Silva e de sua esposa, a poetisa Dora. Frequentes reuniões em casa do filósofo brasileiro e, em Itatiaia, num antigo mosteiro beneditino, forma-se uma comunidade fraterna, um grupo de estudos, do qual participam Dora, Vicente, Judite Cortesão, Murilo Mendes, Oswald de Andrade; visitam o Itatiaia, esporadicamente, Milton Vargas, Diva Toledo Piza. Durante dois meses, no antigo mosteiro alugado por Agostinho da Silva, vive-se a utopia.

Poeta, Agostinho colabora, em 1953, nos **Cadernos Sul** de Florianópolis. Em 1954, trabalha, com Jaime Cortesão, na Exposição de História, comemorativa do IV Centenário da fundação de São Paulo.

Em 1955, está em Santa Catarina, ajudando a implantar a Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalha no Departamento Cultural do Estado. Colabora na imprensa e publica, nos **Cadernos Sul** da Faculdade, poemas e a novela **Macaco-Rego**, sob o heterônimo de Mateus-Maria Guadalupe.

Em 1956, publica, pelo MEC, **Reflexão à margem da Literatura portuguesa**, livro reeditado em Lisboa, em 1958. Continua escrevendo para **Cadernos Sul** e inicia colaboração na revista **Diálogo**, em São Paulo, dirigida por Vicente Ferreira da Silva. Publicou aí trabalhos e poemas, assinados pelo heterônimo Mateus-Maria Guadalupe.

Em 1959, publica **Um Fernando Pessoa**, em Lisboa, excelente estudo sobre os heterônimos de Pessoa, seguido de uma antologia de poemas.

Em 1960, funda na Universidade Federal da Bahia, o **Centro de Estudos Afro-Orientais**; publica, em Lisboa, **As Aproximações**.

Em 1962, publica **Presença de Portugal**, no Rio de Janeiro; funda o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, na Universidade de Brasília, à qual acorreu, a convite de Darcy Ribeiro; trabalha ao lado de Eudoro de Souza. Lança-se a uma vasta ação integrativa, através do Centro, entre Portugal, Brasil e povos de língua portuguesa da África e Ásia. Esta ação reflete seu projeto de vida: a construção de um Portugal novo, grande ao nível do espírito, apoiado na língua comum de muitos povos do mundo.

De 1964 a 1966, colabora na revista portuguesa **Espiral**, dirigida por Antonio Quadros, publicando: **Ecúmena**; **Quinze Princípios Portugueses**; **Ensaio para uma teoria do Brasil**.

Em 1965, publica **Folhas soltas de São Bento**. São sete exemplares, onde dialogam diversos heterônimos: Antonio Augusto Botelho Mourão, George Bryan Mallard, Mateus-Maria Guadalupe, João Cascudo de Moraes, J. J. Conceição da Rocha, Caio M. R. A universalidade, a erudição, a multifacetada personalidade de Agostinho da Silva, aí estão presentes, em poemas, contos, novelas, artigos científicos, traduções, textos filosófi-

cos. Aí transparecem os grandes temas, interligados, que marcam o pensamento de Agostinho da Silva: o Brasil utópico, o reino mítico do Espírito Santo, a busca do diálogo entre os países unidos pela língua comum portuguesa, a construção de uma nova política, uma nova educação, uma nova forma de convivência humana.

Em 1965, seu amigo Antonio Quadros visita o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, na UnB. Em 1968, Agostinho é professor visitante do Queens' College, de Nova Iorque.

Em 1971, edita os opúsculos **O Baldio do Povo e Compostela. Carta sem prazo a seus amigos**. Funda, no Japão, o Centro de Estudos Luso-Brasileiros.

Em 1974, publica **Cartas de Santiago** (datilografado) e **Alguma nota sobre Casais**, em Araraquara (S. Paulo).

Em 1975, publica **Proposição, Aditamento Um**; em 1977, **Pensamentos em Farmácia de Província**, do heterônimo João Cascudo de Moraes.

De 1980 a 1987, colabora na revista **Nova Renascença**, do Porto. Luís Antonio do Vale Aboim é o heterônimo que assina o poema "Exortação à Portuguesa Língua", publicado nessa revista.

Em 1982 visita a Universidade Federal de Santa Catarina, a convite de Sílvio Coelho dos Santos.

Em 1987 recebeu do governo português a Grã-Cruz de Santiago da Espada.

Inúmeros trabalhos, como os **Folhetos** da Bahia, escritos sob heterônimos: Conceição da Rocha, Botelho Mourão; os **Cadernos de Barca d'Alva, Educação do Quinto Império** (heterônimo: João Cascudo de Moraes); os **Clássicos do Mundo Português**, editados em Beira, Moçambique; as novelas **Herta, Terezinha, Joan**; as traduções do latim e grego e, ainda, a colaboração em Manguinhos como entomólogo e seus estudos como astrônomo; os **cursos livres** para operários do Barreiro, das Minas de São Domingos, de Buenos Aires; os seminários nas universidades de Tóquio, Tenri, Joshii, Califórnia e as conferências em Macau — mostram um pensador itinerante, que navega no grande mar do espírito.

Um homem brilhante, que faz da filosofia busca da sabedoria; um encantado pela vida, capaz de um profundo amor às coisas e aos homens e em cujas novelas perpassa a melancolia do confronto com a morte; um sonhador, que acredita em seus sonhos e transforma a utopia em projeto a ser esculpido ao longo do tempo, nas múltiplas andanças.

Um homem que busca a santidade e o despojamento e usa como divisa a fidelidade a si mesmo.

Eis alguns textos (cartas) de Agostinho da Silva:

CARTA VÁRIA I

Chegado aos 80, que faço hoje mesmo, pareceu-me que seria interessante, pelo menos para mim, dizer alguma coisa aos Amigos. A primeira é a de que a saúde parece ir bem, com o coração reeducado a nitroglicerina — pelo menos para que não tenha medo do terrorismo internacional — e com a chamada vida material, de tão alto interesse de espírito, sustentada pela pensão brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina, pela, por enquanto, bolsa de estudo do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, e por quem acha, com alguma extravagância, que é útil que eu exista e continue fazendo algum trabalho. Para regularizar êste ponto, estou criando, na fantasia e no concreto (já funciona há mais de um ano) uma, chamemos-lhe assim, “Fundação”, de que um dia vos falarei mais de largo, na qual deposito tôda a bolsa do ICALP e o que poupo do resto ou contribuem Amigos. Resolvi, realmente, viver pobre, o que significa não ter coisas, não ter gente (tentar ser gente já não dá pouco que fazer) e não me ter a mim próprio, numa espécie de “voto de obediência”, que não é a um Superior, mas ao que a vida da parte dos outros, e “outro” pode ser gente ou bicho, planta ou pedra ou contemplado astro, me venha a exigir. Estou, como um soldado, em disponibilidade: Só os meus defeitos, parte, no entanto, de minha identidade, me impedem de que a faça total. Quanto à vida não física, há projectos diversos de que também falaremos, e que espero realizar, para tal me sendo muito convenientes mais alguns anos por diante. De tudo isto e do que ficou por dizer irei tratando noutras cartas, nunca maiores do que esta, para vos não tirar muito tempo; não terão periodicidade certa — não são do barato nem as cópias nem os selos, mas de qualquer modo vos chegarão. Aqui fica a promessa.

13-2-86

*

CARTA VÁRIA L

É aos índios que deve ser creditado o primeiro descobrimento do Brasil. Vieram êles da Ásia através do estreito de Behring em época de

glaciação, talvez também por alguma das correntes do Pacífico, e decerto mais tangidos pela falta de alimento animal do que pelo anseio de verem novas paisagens; e levaram, ao que parece uns quarenta mil anos até ocuparem as várias regiões do continente, com privilégio desta nossa grande futura Nação. Foi o segundo descobrimento o dos portugueses, não propriamente com a chegada de Cabral, mais toque de ofício e curva obrigada do Atlântico na derrota da Índia, mas com os que de Portugal se escapavam como podiam por não quererem sujeitar-se às novidades capitalistas, às imitações de imperialismo romano e à canônica religião de Roma que a expa são da Europa trouxera a seu país. Poremos os africanos, de uma e outra costa, como os do terceiro descobrimento, a que não vieram também por vontade própria, mas porque era precisa força de trabalho, numerosa, barata e que se podia gastar à vontade, sem demora alguma em qualquer espécie de escrúpulos. Creio que os índios trouxeram ao Brasil como essencial a idéia de uma terra livre, utilizada o menos possível e jamais escrava, terra de que ninguém era dono, em seus minerais sólidos e fluidos natural, convivendo com vegetais, animais e homens, e até deuses dos homens se por acaso os havia. A pensada mensagem dos portugueses era a de que se realizasse uma economia comunitarista como tinha sido a de sua pátria nos melhores tempos, aquela autonomia municipalista que tinham como a mais sólida garantia da tal “vida conversável” de que falou Pero Lopes de Sousa, e que a religião, pondo como Deus supremo o do imprevisível, por um lado incitase e nos homens o uso do improvisado, por outro lado pusesse para os políticos o perpétuo desafio de organizarem uma sociedade a tal adequada. Por sua vez esperaríamos os africanos, já que vinham como trabalhadores, que o sacrifício a que eram obrigados aproveitasse ao mundo inteiro e não apenas ao reduzido grupo que dispunha das alavancas do poder e dos fundos: a isso os impelia sua plena, fraterna, virgem humanidade, de que ainda andamos todos nós tão necessitados. Estas, ao que me parece, são as dívidas que tem o Brasil de pagar a seus três grupos de descobridores: já que deu aos povos todos o modelo de sua fatal e futura mestiçagem, física e cultural, se lhe põe como tarefa que institua para já uma economia conjunta de mono e de pluricapitalismo como base da que passe dos cuidados de produção aos de distribuição, com o máximo de trabalho a cargo da mecânica; que substitua as ordens de um govêrno central pela coordenação de iniciativas locais e regionais, que tal vai ser um dia a tessitura social, e com o mínimo possível de prisão do indivíduo; que faça da marcha para o transcendente e o mistério o direito de todos os homens e não a obediência aos artigos de um código. Tudo difícil decerto — mas que faremos nós de nossa imaginação, fundamental faculdade humana, se nos faltar o difícil.

CARTA VÁRIA LI

Mais ou menos na altura em que os portugueses, audaciosos, crentes e sábios, se lançavam determinadamente na rota das Índias, em busca de seus mistérios, sua ciência e sua pimenta, tomavam os chineses a resolução de, tendo estabelecido sua cultura em terras já bastante vastas, irem ver o que haveria para além do horizonte marítimo. Armaram grandes frotas, numa delas embarcando setenta mil aventureiros, e começaram a ir de pôrto em pôrto com o essencial objectivo de conhecer o que existiria em gente, coisa ou bicho e de fazer amigos em cada pôrto em que fundassem. Olhado o que havia de mais próximo no Pacífico Sul, franquearam os obstáculos da Indonésia e da Malásia, foram bordeando todo o sudeste e sul da Ásia e dentro em pouco desciam pela costa oriental da África, atingindo seguramente Quíloa e indo talvez até às paragens, afinal polinésias pelo povoamento, da grande Madagascar. Por pouco os não encontraram os que tinham partido do Tejo bem surdos ao Velho do Restelo, achando sàbiamente os destinos do mundo que fôsse Portugal a descobrir a China e não que sucedesse o inverso: Na realidade, tendo, pelo que já haviam observado em suas viagens, desbaratado todo o saber físico e geográfico de mestre Aristóteles, levavam já consigo os portugueses o que há de mais adiantado em ciência moderna: o que faltava era que chegasse o tempo do ovo eclodir; e podemos dizer, em termos de exagero, que já cada analfabeto marujo tinha em pensado punho sua completa informática e todo seu império da mecânica. Foi certo, portanto, que a sabedoria chinesa se não tivesse naquele século estabelecido a ocidente; tinha o mundo, primeiro, de se penetrar de saber científico, mesmo com todos os incidentes e acidentes que teriam que se dar pelo caminho: O homem só pode ser pleno se for o chão em que pousem seus pés e for o céu a que aspira sua alma, a um tudo só e a um nada só, de natureza bem sabida e de mistério bem desejado, de matemática quanto possível exacta e de sonho quanto mais louco melhor. É agora que a viagem chinesa se vai reatar e quando dobrarem o cabo da realizada esperança em novas esperanças esperanças, quando finalmente atingirem o Atlântico que daquela vez lhes ficou longe, vão encontrar o que naquela altura não teriam: um Portugal porta da Europa, não só da limitada C.E.E., e, no outro bordo do mar, uma nação em que português se fala, que é quase do tamanho da China e em que há igual audácia e placidez em juntar os contrários na harmonia da vida. Dois gigantes se abraçam e o mundo o verá e sentirá.

3-8-87

CARTA VÁRIA LIV

A grande e urgente tarefa que está diante da humanidade, a principiar pela acção individual de cada um de nós em nossas pequenas ou largas áreas, é a de introduzir numa das metades do mundo a liberdade de pensar e na outra metade a liberdade de comer. Paradoxalmente, poderíamos dizer que, ao que se vê, a liberdade de pensar é indispensável para bem se comer e a de comer para bem se pensar. Do lado em que, teòricamente e ao que a voz oficial assegura, se come o que e como se deve, mostram recentes estatísticas, a serem verdadeiras, que é alta a mortalidade infantil, diminuta a expectativa de vida e irregular, por exemplo, a distribuição de produtos farmacêuticos. Do lado em que, ao que se diz, é livre o pensar e decerto estão assegurados os meios de pensar sôbre dados científicos, ficam, em armazens cada vez mais vastos, apodrecendo os produtos que a tantos matariam a fome, alastra o uso da droga, o que significa nulo interesse pela vida, sendo o que procura de todos os modos, mesmos que parecem mais violentos, ilusão e anestesia, suicidam-se os jovens em número cada vez mais alto, apodrecem os presos nas cadeias e nascem cada vez menos crianças, como se os pais as não quisessem submeter à estúpida vida que é a da maior parte dêles próprios. Os dois grandes golpes seriam, da parte digamos ocidental, assegurar a existência material e espiritual dos milhões daqueles a quem chamamos desempregados e que são apenas a primeira leva de homens a não terem nem a obrigação nem a possibilidade de trabalho, feito como êste é pelas máquinas, e estão, portanto, impedidos de receber salário, prova, na sociedade que termina em nossos dias, de que tinham cumprido seu dever de produzir e adquiriam por aí o direito de consumir; do lado apelidado de leste se permitiria que se exprimissem e actuassem todos os que julgam ser ilusória, falsa e mesmo reaccionária a opinião sustentada pelos que julgam e decidem de que tudo está certo e correndo bem. A barreira pior, de uma parte e outra do meridiano do bom senso, é ainda a de nossos hábitos, pois que, para chegarmos ao nível de desenvolvimento técnico em que nos encontramos hoje, foi necessário privilegiar os que pareciam mais capazes e dar o máximo de meios aos que se julgavam mais válidos, e isto durante século e séculos, além de tudo a prestar-lhes homenagem, o que nos deu a todos tentações perigosas e hábitos péssimos. Agora, porém, tem de ser outro o mote: Todos nós somos capazes e todos nós somos válidos e não precisamos de homenagens para nada: bem bastará a cada qual a alegria de se cumprir. Como ser único entre todos, que assim viemos e nos achamos na vida.

2-9-87

CARTA VÁRIA LV

Quando olhamos objectivamente o Brasil actual, não fechamos, como é evidente e necessário, nosso coração ao milagre, sempre possível e à esquina nesse País; mas a verdade, por outro lado, é que nossa inteligência se recusa a confiar só em tal hipótese. Antes nos parece que estamos diante do princípio, apenas o princípio, de um caos primordial, donde mais tarde, para além, muito para além, das faulhinhas que somos no tempo, vai estabelecer-se um cosmos, isto é, uma ordenada realidade, ou, como dizemos em nossa própria língua, um mundo, quer dizer, o contrário de um imundo, significado êste essencial em que todos reparamos pouco. Para que, porém, êsse mundo tivesse evoluído ou saído de nosso cosmológico e cosmogénico caos inicial necessário foi, ao que julgamos, que houvesse um pensador e um pensamento, os dois capazes de acção, ainda a mim me parecendo também que só nossa estrutura de análise e diálogo faz que vejamos o pensador como separado do pensamento e não aos dois como entidade única e inexprimível em nossa linguagem sempre tão escrava do concreto. É, pois, indispensável que no Brasil de hoje, dentro do arquipélago de tumultos que êle vai ser, talvez durante anos e anos, haja iniciativas individuais, ou colectivas, de reduzida, modesta estrutura, mas, logo de começo, as tais de pequenos passos com grandíssimos pés, talvez meio desconhecidas umas das outras, mas elas um dia se reconhecerão, se darão as mãos e levarão a sua avante. É preciso que sejam sinceras, desinteressadas de qualquer espécie de ganho, bem diferentes do que hoje parece o razoável e o próprio, audaciosas e cautelosas a um tempo, tôdas tendo por fim a libertação dos indivíduos de qualquer qualidade de poder, tanto material como espiritual, e com êste ainda é preciso maior cuidado, porque mais difícil de lhe dar a ferrugem. Escolas de liberdade, para tudo dizer numa palavra. Com a convicção, não apenas o lema, de que só a liberdade é criadora.

Tudo é' uno e divino
 só nossa mente
 ao todo cinde
 dele faz um e outro
 e bem e mal
 e o anjo e demónio
 e até faz Deus criar o mundo
 quando af' nel o mundo e Deus
 o mesmo são
 eternamente o sendo e o não sendo
 de intima inexistência
 e do nunca no ser
 a pura essência.

1. 11. 86



(Fac-símile de página de uma Carta de
Agostinho da Silva)